



GT 44. Etnografias da música: dilemas e soluções empíricas e metodológicas

Coordenador(es):

Carla Delgado de Souza (UEL)

Marina Bay Frydberg (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Para a antropologia da música, o trabalho de campo e, conseqüentemente, a escrita etnográfica não devem se ater a uma noção simplista da música como sendo exclusivamente som. Desde os anos 1980, crescem as etnografias que utilizam uma concepção ampliada de música, o que faz com que a ênfase dos estudos recaia sobre os fazeres musicais. Com isso, ganham sentido as etnografias que relacionam música com aspectos rituais, étnicos e culturais de grupos sociais distintos. Na busca por uma semântica musical que leve em conta os aspectos poéticos e sociais da música, também tem sido cada vez mais frequente a realização de etnografias da que revelem como os fazeres musicais são perpassados por marcadores sociais como os de raça, gênero e classe social. Entendendo que a antropologia da música está afinada com as proposições e discussões mais amplas presentes nas teorias antropológicas contemporâneas, pretendemos discutir, nesse GT, os dilemas enfrentados pelos antropólogos durante a realização de seus trabalhos de campo, que muitas vezes inspiram a experimentação de novas técnicas de pesquisa para a construção dos dados etnográficos, bem como para a posterior análise destes. O processo de escrita etnográfica tampouco é imune aos dilemas vivenciados pelo pesquisador. Nesse sentido, reflexões sobre as potências e os limites da escrita etnográfica sobre os fazeres musicais são bem vindas.

Entre cordas de violão e baquetas em punho: oficinas de música no Complexo Cultural Teatro do Boi em Teresina (PI)

Autoria: Nayra Joseane e Silva Sousa (UFPI - Universidade Federal do Piauí), Tayná Egas Costa

Inúmeras instituições no país proporcionam o acesso a práticas culturais a jovens e adultos no intuito de aproximar determinadas linguagens artísticas e a formação de públicos (MANTECÓN, 2017), assim, também é no Complexo Cultural Teatro do Boi, em Teresina (PI), mais conhecido como ?Teatro do Boi?. Desde sua inauguração, a instituição é reconhecida por atender predominantemente população de baixa renda que mora no seu entorno, embora essa realidade tenha tomado outros contornos a partir da reforma que proporcionou uma nova estrutura ao prédio, por meio da implementação do Programa Lagoas do Norte (PLN), que desde então, suscita vários conflitos entre o poder público municipal e os moradores da região. Para além dessa necessária contextualização, proponho nesse artigo, um retorno a pesquisa desenvolvida (2015-2017) no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí, no qual lanço uma discussão sobre os desafios de pesquisar um centro cultural adentrando ao universo da música. Ou seja, apesar das inúmeras práticas culturais ofertada pela instituição, concentro-me aqui nas oficinas de música: de violão e percussão. A etnografia da música (SEEGGER, 2008) possibilita abordagem a partir de diversas lentes afim de registrar a maneira como as pessoas fazem música. Para tanto, retorno aos cadernos de campo na tentativa de evidenciar o que ignorei ou ocultei e os limites éticos do fazer etnográfico no campo da música.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: